

Luis Fernando Verissimo

Escreve aos domingos e às quintas-feiras neste espaço

/// Em 1959, em Paris, ela queria que eu batesse nela. Não fiz como os soviéticos. Bati, mas em retirada. Ainda mais que a húngara era grande

Fricções

O Jorge Luis Borges chamou o espelho de método de reprodução humana anticonvencional. O sexo e o espelho são, os dois, culpados de multiplicar pessoas, e assim contribuir para as misérias do mundo. Borges escreveu sobre seus pesadelos com espelhos e labirintos e tinha um notório problema edipiano com o pai, além de um notório ascetismo com relação ao sexo. O pavor de espelhos e o desgosto com sexo e paternidade se acoplam na aversão de Borges ao produto das duas coisas: gente. Mais gente.

Mas enquanto lamentava a proliferação humana de um lado e do outro do espelho, Borges também colaborava para aumentar a demografia imaginária da Terra, inventando pessoas. Ao contrário dos espelhos, os ficcionistas não copiam gente, criam gente, e lançam irresponsavelmente no mundo.

Como se não bastasse os parentes e os vizinhos e os bilhões de chineses, temos que nos preocupar com a Antígona, o Hamlet, o Raskolnicov, o Swann, centenas de personagens que, só por serem inventados, não ocupam espaço menor

em nossas vidas, e nunca vão embora. A ficção também é um método de reprodução humana, de uma fertilidade espantosa.

Certa vez tive a ideia de imitar o "Ficciones" do Borges e escrever um livro só de histórias eróticas chamado "Fricções". O livro começaria não com uma ficção, o que só agravaria a densidade demográfica de gente inventada, mas com uma reminiscência.

Em 1959 eu estava em Paris (disse ele só para dizer que estava em Paris) e tinha 22 anos. Num café, conheci uma moça húngara. Seu francês era quase nenhum. O meu era de Aliança Francesa, mas eu faltava muito. Conversamos em inglês. E acabamos indo para o seu quarto num prédio sem elevador. Quantos andares eram? Quem estava contando?! Meu único medo era que, na confusão das línguas, tivesse havido algum mal-entendido, e meu último franco tinha ido para pagar o café. Mas não, era sexo de graça mesmo. Só que sexo com uma especificação. Na cama, ela ordenou:

- Hit me!
- What?
- Hit me! Hit me!

Ela queria que eu batesse nela. Em 1956 a União Soviética tinha invadido a Hungria para abafar uma revolta contra a dominação comunista e ocupado o país por um bom tempo. Não fiz como os soviéticos. Bati, mas em retirada. Ainda mais que a húngara era grande.

Antonio Marcus Machado

É economista e professor universitário

/// Eduardo Campos era um dos que tentavam semear a paz, a bondade, a gratidão. Arou a terra, semeou e plantou, mas não a cultivou plenamente

Campos

É nos campos que se semeia, planta-se e se colhe. Fragmentos de vida são cultivados, irrigados, podados e preparados para que surjam árvores, arbustos, vegetações rasteiras e gramíneas, por exemplo. É nos campos que a relva selvagem e natural corre ilusoriamente, de um lado para outro, quando acariciada pelos ventos. É nos campos que coexistem as flores e os espinhos, o solo fértil e a terra árida. Neles estarão os alimentos e as casas, as montanhas azuis e os vales esverdeados.

Na vida humana, há campos em que são plantadas a discórdia, a maldade, a violência, a guerra inexplicável. Diz o ditado, neste caso, que quem semeia ventos colhe tempestades. Podem ser representados pelos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial, pela Segunda guerra Mundial e por tantos outras que tingiram de sangue, suor e lágrimas planícies, vales e montanhas.

Também, na vida humana, há campos em que se semeia a paz, a bondade, a compreensão e a gratidão. Podem ser representados pelas pessoas que lutaram por um mundo melhor, por ideias convergentes e por proposições evolutivas. Não são pessoas perfeitas, mas buscam a perfeição, algo inatingível. Campos, o

Eduardo, era um dos que tentavam ser assim. Arou a terra, semeou e plantou, mas não cultivou plenamente.

Um golpe do destino o levou à morte de forma trágica. Após um programa de televisão de grande audiência nacional em que expôs algumas de suas ideias como candidato à Presidência da República, entrou em um avião de pequeno porte, um jatinho, e pensou seguir viagem em direção a novos horizontes. Talvez, amadurecendo ideias e reescrevendo sonhos em seu caderno de intenções. Uma explosão fatal levou essas ideias, esses projetos e esses sonhos para o infinito.

Suas possibilidades de tornar-se presidente da República estatisticamente eram poucas, mas a luta era incessante. Sua verve política vinha do avô, Miguel Arraes, também falecido em um 13 de agosto. Sua dedicação à família e aos amigos certamente vem de sua personalidade e de seu carisma.

Seus concorrentes perdem um grande adversário e um amigo de outras jornadas. A política perde um de seus principais valores contemporâneos, e a nação, um patriota de corpo e alma. É preciso agora que o ambiente político recolha das cinzas dessa tragédia as cores da democracia, da vontade de acertar, da vontade de fazer política de boa qualidade. E sempre lembrar que o ser humano, político ou não, é efêmero. Que sua vida é frágil como porcelana fina. E assim, que aprendam a virtude construir ideias e indelévels. Aquelas que se perpetuam na saudade e na lembrança. Como tentou Campos, o Eduardo.

Eduardo Shinyashiki

É consultor organizacional, especialista em desenvolvimento das competências de liderança e preparação de equipes

/// Assertividade é o ponto no meio entre comportamentos extremos: a passividade e a agressividade

Como ser um profissional assertivo e de sucesso

O termo "assertividade" deriva do latim "asserire", que significa afirmar a si mesmo, sustentar a própria opinião. Nesse sentido, ser assertivo significa saber expressar de forma clara e eficaz as próprias emoções, ideias e direitos sem assumir uma atitude agressiva em relação ao interlocutor, respeitando o seu posicionamento. Num contexto mais amplo, assertividade se relaciona também com eficácia pessoal, eficiência, afirmação, habilidade social e com-

petências emocionais. Porém, nem sempre é fácil ter uma postura assertiva.

Especialmente no contexto profissional acontece que, às vezes, deixamos que as nossas ideias sejam desqualificadas e não consideradas. Saber expressar e defender as próprias opiniões e pontos de vista requer atitude interna de autoestima e a autoconfiança.

Ser assertivo pressupõe conhecer a si mesmo. Essa óbvia constatação é, na rea-

lidade, a mais árdua para ser trabalhada, pois significa desenvolver a autoestima, o próprio posicionamento frente ao mundo, o autoconhecimento e o fortalecimento das competências emocionais.

É necessário desenvolver habilidades práticas ligadas, por exemplo, à maestria na comunicação verbal e não verbal. Além disso, estar sempre disposto a aprender, estar aberto ao novo, ao conhecimento, às mudanças dos contextos e à análise dos cenários, contribui para a assertividade. Esse é um processo contínuo de amadurecimento onde não é somente necessário aprender coisas novas, mas especialmente aprender a ver as coisas com novos olhares.

Para compreender melhor a assertividade precisamos pensar nela como o

ponto no meio entre dois comportamentos extremos: a passividade e a agressividade. Ela é o ponto de equilíbrio que permite atingir o objetivo com foco, calma e eficácia.

A assertividade é uma qualidade chave das pessoas de sucesso, realizadas e focadas nos resultados, atentas a flexibilizar e suavizar os defeitos que caracterizam a passividade e a agressividade para se tornar mais assertivas e conseguir influenciar os outros e a organização em que trabalham.

O resultado disso tudo é uma maior oportunidade de carreira, pois no trabalho o profissional assertivo tem uma atitude disponível e colaboradora com a equipe, assume as próprias responsabilidades, decisões, ações e também erros.